

Notas de Programa

*Marcelo Batuíra Losso Pedroso**

Tchaikovsky: Suite Quebra Nozes Op. 71a

Música para lá de conhecida, o ballet *Quebra Nozes* ficou praticamente indissociável da época natalina. Isso porque a história se passa na véspera da noite de Natal. Trata-se de um conto de fadas baseado na obra do escritor (e também compositor) alemão E. T. A. Hoffmann (1776-1822): «O Quebra Nozes e o Rei dos Ratos». É uma bela fábula sobre a passagem da infância para a adolescência e a eterna luta do amor contra as forças do mal.

Modest Tchaikovsky, irmão do compositor, adorava o conto de Hoffmann e o incentivou a aceitar uma encomenda para compor música de ballet. Piotr Ilyich Tchaikovsky (1840-1893) então se utilizou da versão francesa de Alexandre Dumas do conto de Hoffmann (por essa razão, as quinze cenas do ballet são descritas em língua francesa).

Clara (ou Maria, em algumas versões) ganha de seu tio um Quebra Nozes e na noite da véspera de natal ele ganha vida, como um príncipe, assim como todos os demais brinquedos. Essa é única suite que o próprio compositor compilou da partitura do ballet; a qual, aliás, ficou pronta um mês antes do próprio ballet, em fevereiro de 1892. A suite Op. 71a compreende oito números:

(1) Overture miniature (miniatura de abertura);

- (2) Marche (Marcha), do Ato I, cena 2;
- (3) Danse de la Fée Dragée (Dança da Fada Adocicada/ Confeitada), do Ato II, cena 15, 2a variação;
- (4) Trépak: danse russe (Trépak: Dança russa), do Ato II, cena 12d;
- (5) Café: danse arabe (Café: Dança árabe) do Ato II, cena 12b;
- (6) Thé: danse chinoise (Chá: dança chinesa), do Ato II, cena 12c;
- (7) Dance de Mirlitons (Dança das flautas mirlitons - um tipo de flautim), do Ato II, cena 12e
- (8) Valse des fleurs (Valsa das flores), do Ato II, cena 13.

Parte dessa suite (os 6 últimos movimentos) foi utilizada no desenho *Fantasia*, da Walt Disney. Curioso observar que a terceira parte da suite (Dança da fada confeitada) foi escrita especialmente para se utilizar um instrumento criado por Victor Mustel (1842-1919), a última novidade da época: a celesta.

Shostakovitch: Valsa n. 2, da Suite de Variedades para Orquestra

A primeira pergunta seria: segunda valsa de onde? Por décadas essa primorosa peça de dança foi equivocadamente atribuída como sendo parte da Suite de Jazz n. 2 (assim como a Valsa n. 1). Contudo, essa partitura de Dmitri Shostakovich (1906-1975), uma suite orquestral composta em 1938, fora perdida durante a Segunda Guerra Mundial.

A confusão se deu por conta de que uma Suite para orquestra de Shostakovich fora estreada em Londres (no Barbican Hall) há exatamente 30 anos: em dezembro de

1988, sob a regência de Mstislav Rostropovich. O renomado violoncelista e regente russo atribuiu a essa suite em oito partes o nome de «Jazz Suite n. 2» . E dessa suite, a sétima parte seria justamente a Valsa n. 2.

Esse erro se perpetuou nas gravações posteriores. Contudo, essa Valsa n. 2, bem como todas as demais sete partes dessa suite, pertencem, em verdade, à «Suite de Variedades para Orquestra», com movimentos que podem ser executados em qualquer ordem, pois foram extraídos de várias outras obras do compositor. Essa Valsa n. 2, inclusive, deriva da valsa escrita originalmente para Suite "The First Echelon", Op. 99a, composta em 1956.

O erro foi esclarecido somente em 1999, quando se encontrou a partitura para piano da verdadeira (e então perdida) Suite n. 2 para Orquestra de Jazz, composta em 1938. Essa suite possuía apenas 3 movimentos e nenhum deles era uma valsa.

Com efeito, a Valsa n. 2 não tem nenhuma influência do jazz, ao contrário, é uma bela peça de dança composta nos moldes das valsas de compositores austríacos como Émile Waldteufel (1837-1915) e Franz Lehár (1870-1948). A valsa se inicia em dó menor e modula para mi bemol maior. Muito embora se inicie em tom menor, sua linha melódica cria uma atmosfera nostálgica de uma tarde de outono. O sucesso dessa valsa foi imediato, a ponto de Stanley Kubrick utilizar-se dela na abertura de seu filme «De olhos bem fechados » (« Eyes Wide Shut »).

Mozart: Concerto n. 21 para piano e orquestra K. 467 (Andante)

Esse concerto para piano talvez seja o mais profundo dentre os 27 compostos para esse instrumento. O segundo movimento (*Andante*), em especial, é belo e majestoso tal como um sonho delicado e nostálgico. Após a abertura orquestral, o piano traça uma melodia que nos parece flutuar no ar de tão sublime, quieta e delicada. Há nela uma pulsação que a acompanha e cresce, de modo a impulsioná-la, tal como o solo de uma voz soprano.

O crítico Niemetschek, tendo assistido à sua estreia, no dia 10 de março de 1785, no Teatro Burgtheater, em Viena, confessou que aquela música não só cativava cada ouvinte presente, mas confirmava Mozart como o maior pianista de seu tempo. Esse concerto fora composto apenas 30 dias após o anterior (o de n. 20, K. 466) e Mozart ainda escreveria mais quatro concertos para piano nos meses subsequentes.

O segundo movimento deste concerto foi utilizado no filme de Bo Widerberg: «Elvira Madigan», de 1960, e por conta disso, muitas gravações hoje trazem esse nome como subtítulo deste concerto. A inspiração de Mozart estava em seu ápice, pois segundo outro crítico: «nenhuma palheta pode extrair tintas mais ricas ou encantadoras como a que Mozart retira do piano». De fato, Mozart modula especialmente a atmosfera musical para criar uma atmosfera noturna que só veremos mais tarde nas obras de Chopin.

Piazolla: Libertango

Astor Piazzolla (1921-1992) se autodefine como tendo sua formação musical por três vertentes: os ensinamentos do compositor argentino Alberto Ginastera, da grande

pedagoga musical francesa Nadia Boulanger e do povo de Buenos Aires. Essa mescla entre o erudito e o popular percorre toda sua obra. À ele devemos creditar a façanha de levar o tango argentino para as salas de concerto.

Um grande exemplo disso é sua obra *Libertango*, composta no fim de 1973, quando o compositor acabara de se mudar para a Itália. O título da obra reflete justamente a mudança do estilo do tango que se libertava de suas amarras tradicionais para o chamado «*tango nuevo*». É também uma apologia à sua vida nesse período: quando o compositor fugia da ditadura argentina.

Astor Piazzolla viveu dos 3 aos 16 anos em Nova York, onde teve contato com o jazz e aos 12 anos ganhou de presente um bandoneón (um tipo de acordeón utilizado para se executar o tango). Ao voltar para a Argentina, em 1937, Piazzolla continua seus estudos clássicos de música e passa a tocar acordeón na orquestra de Anibal Troilo. Em 1954 ganha um prêmio por sua composição e vai estudar em Paris.

De volta para a Argentina, graças à sua sólida formação musical, ele cria um novo estilo de tango, sendo muito criticado por músicos conservadores e, em razão do tango representar a fonte do orgulho patriota, sua música tampouco é aceita pelo governo militar. Por conta disso, Piazzolla deixa da Argentina e se exila na Itália.

Ennio Morricone: Oboé de Gabriel

Indígenas das tribos guaranis ouvem um exótico som à beira de uma cachoeira. Encantados e quase que hipnotizados por este som, aproximam-se do executante, um padre jesuíta chamado Gabriel. O chefe da tribo dos guaranis, desconfiado daquele som e do estranho instrumento, um oboé, toma-o de suas mãos. Mas assim tem início a relação entre o padre jesuíta Gabriel e os indígenas guaranis, no trabalho missionário de catequese no Novo Mundo.

É esse o enredo que tem por fundo a obra musical de Ennio Morricone (1928-), trompetista, maestro e compositor nonagenário italiano, um dos maiores nomes da música de

cinema. Essa música é o tema principal do filme «Missão», de 1986, feito por Roland Joffé. Com esta trilha sonora, Morricone ganhou o Globo de Ouro de melhor música de filme.

*É doutor em Direito pela USP e pós graduado pela The Anderson School of Management da UCLA – Los Angeles e diretor do Jornal de Piracicaba.